



Human Rights: Dead or Alive?

Alexandra Barahona de Brito

«O Iraque está livre de salas de violação e câmaras de tortura»
Presidente Bush, comentário na Gala Presidencial do Comité Republicano Nacional
8 Outubro 2003

O anúncio do uso de tortura por militares norte-americanos no Iraque é um exemplo clássico de uma notícia sem novidade: só quem não queria é que não sabia que isto se passava. De facto, tudo começou quando Bush avisou que ele iria apanhar Bin Laden, «morto ou vivo», como se a nova «guerra» contra o terrorismo fosse um grande épico western, protagonizado por Bush, xerife da cidade industriosa e virtuosa que é assaltada por um bando de malfeitores liderados por um psicopata. A ética de justiça do *far west* tem pouco a ver com a ética humanista dos direitos humanos, e mais a ver com a ética da retribuição bíblica do primeiro testamento. É um tipo de justiça que pede um olho por um olho, e um dente por um dente.

Bush não conseguiu apanhar Bin Laden, nem vivo nem morto, mas foi possível capturar vários elementos acusados de pertencer à Al Qaeda: esses foram depositados em Guantánamo, onde nunca houve lugar para a ética do direito humanitário internacional. Os presos de Guantánamo foram considerados culpados antes de serem julgados. Estar em Guantánamo já era prova de ser membro da Al Qaeda. Eliminou-se assim a presunção da inocência no discurso público da administração norte americana. Os presos foram declarados não combatentes inimigos, e portanto não sujeitos às protecções dos direitos contidos nas Convenções de Genebra. Desta forma a administração norte americana colocou os



presos de Guantánamo num limbo legal, onde não teriam acesso à normas internacionais.

Foi também durante este período, imediatamente após a invasão do Afeganistão, que se ouviram as primeiras notícias de uma prática agora bastante corrente: a detenção de suspeitos em países terceiros, onde não o olhar público não trespassa dos muros das cadeias como o fará nos Estados Unidos, para denunciar o uso da tortura. Desta forma, a administração norte americana podia usar a tortura indirectamente, tirando proveito dos seus potenciais ‘benefícios’ em termos da recolha de inteligência, sem ter de pagar o preço político pelo repúdio desses mesmos métodos.

Depois veio a invasão do Iraque. E chegaram-nos as imagens de Abu...

Mas as origens de Abu são ainda mais longínquas: estão no Texas, quando esse estado era liderado por um Governador Bush, governador esse que foi campeão de *death row* – o oficial eleito que ordenou mais execuções que qualquer outro vivo na história dos EUA; estão na campanha sistemática da administração Bush contra o Tribunal Penal Internacional. Desconhece-se o número exacto de países pressionados a aceitar acordos bilaterais de não cooperação com o TPI quando se trata de soldados ou oficiais norte americanos, mas estima-se que sejam uns 30 que já acederam à pressão da administração Bush e que assinaram desses acordos, que violam o direito internacional.

Pensando melhor, talvez as origens sejam mais distantes, e somos apenas esquecidos: as origens são mais antigas: originam com outro grande medo, a paranoia anti-comunista, que na política externa norte americana se expressa com especial violência na América Latina e na América Central. Há manuais da CIA que descrevem as técnicas usadas no Iraque que datam dos anos 60. Como diz um artigo no Baltimore Sun, «a tortura é tão americana como o apple pie». As técnicas que vemos agora e as que estão a ser usadas e que ainda não ‘vimos’, foram



utilizadas sistematicamente no Vietname e na América Latina. E alguns dos protagonistas dessa história escura são agora figurantes no drama do Iraque: John Negroponte, que substituirá Bremer, estava ligado à Contra anti-Sandinista, e com elementos das forças armadas das Honduras que participaram em esquadrões da morte; James Steele, que é conselheiro no Iraque para as forças militares norte americanas, e também veterano do conflito no El Salvador nos anos 80, tendo sido o oficial militar de mais alta patente nesse país em 1985. Ou seja, com o regresso do medo e da paranoia, regressam também os velhos guerreiros, e as velhas técnicas.

Caso se julgue que esta tendência é apenas «made in America», vale a pena lembrar que nós, os europeus, também temos uma história negra: os portugueses no Ultramar, os franceses da Argélia, os ingleses na Irlanda do Norte, os Belgas no Congo.. a lista é longa. A nossa postura não deve ser de dizer que os americanos são piores, e nós somos virtuosos: devemos denunciar esta administração, e reafirmar os valores dos direitos fundamentais em todo o lado, porque o mesmo processo de securitização das relações políticas pode produzir efeitos igualmente nocivos na Europa ‘civilizada’.

Abu não é um acidente; não é um excesso por parte de oficiais menores. É o resultado de uma política e de uma postura que dizem que para terroristas não há direitos humanos, porque os terroristas não são ‘nem direitos nem humanos’¹; uma postura que diz que quem se opõe aos Estados Unidos no Iraque só pode ser terrorista (que outra razão haveria para usar a violência contra um país que apenas pretende trazer a paz e a democracia para o Iraque?) É uma política que diz, implicitamente, que para eliminar a ameaça vale tudo, mesmo limitar as liberdades

¹ Esta expressão foi utilizada por defensores do regime militar autoritário argentino perante críticas relacionadas com as graves e sistemáticas violações dos direitos humanos ocorridos durante a ditadura.



que são o principal alvo dos terroristas. É uma política que, afinal, concede a vitória ao inimigo ao tornar menos livres as sociedades que ele despreza. Vale a pena lembrar um episódio da história recente. Após o 11 de Setembro, diz-se que este era o primeiro atentado terrorista em território americano, e referia-se a Pearl Harbour como o único evento comparável. Mas o facto é que o primeiro atentado em território norte americano teve lugar em 1976, e foi levada a cabo por agentes da DINA, a antiga polícia política da ditadura chilena, contra Orlando Letelier, embaixador de Allende em Washington. Os agentes da DINA colocaram uma bomba no carro de Letelier, que explodiu em Embassy Row, a poucos quilómetros da Casa Branca, matando Letelier e dois americanos. O que é interessante é que a CIA e sectores da administração norte americana foram muito amigos da DINA e do regime que a criou. Ou seja, criar monstros para combater os monstros do nosso medo, apenas serve para criar os futuros monstros do nosso medo. Bin Laden conta a mesma história. E o desprezo pelo direitos internacional sempre demonstrado por esta administração contará ainda uma história parecida. Espero que nos sirva de lição, que nos faça lembrar algumas lições históricas. E espero também que sirva para fazer com que Bush seja apenas um «one term president».

manos».